

A QUESTÃO CHRISTIE E AS REPRESENTAÇÕES DO DIPLOMATA INGLÊS NA SEMANA ILLUSTRADA

THE CHRISTIE AFFAIR AND THE DEPICTIONS OF THE ENGLISH DIPLOMAT IN SEMANA ILLUSTRADA

Bárbara Ferreira Fernandes¹

RESUMO: No presente artigo, analisamos as imagens do representante britânico no Brasil, William Christie, veiculadas pela revista Semana Illustrada, no contexto da Questão Christie, bem como, a breve repercussão que o assunto teve na Inglaterra. O diplomata foi retratado pelo periódico como ganancioso e desajustado e a sua imagem foi utilizada por Fleuss e sua equipe como forma de retratar o “outro”, reforçando a soberania nacional.

Palavras-chaves: Questão Christie; iconografia política; relações diplomáticas

ABSTRACT: In this paper, we analyze the images of the British representative in Brazil, William Christie, published by the Semana Illustrada magazine, in the context of the Christie Affair, as well as the brief repercussion the issue had in England. The diplomat was depicted by the magazine as greedy and maladjusted, and his image was used by Fleuss and his team to represent the “other,” reinforcing national sovereignty.

Keywords: Christie Affair; political iconography; diplomatic relations

¹ Doutoranda em história pela Universidade Federal de Juiz de Fora sob a orientação da professora Maraliz Christo. Mestra e licenciada em história pela mesma universidade. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da arte e da Cultura e história do Brasil Império. É integrante do Laboratório de História da Arte da Universidade Federal de Juiz de Fora (LAHA/UFJF). barbaraffernandes@outlook.com

No dia 25 de julho de 1863 o conhecido jornal britânico *Punch*, veicula a imagem abaixo, sob a legenda: *Humble pie at the foreign office* (Figura 1).

Figura 1. *Humble pie at the foreign office*.



Fonte: *Humble pie at the foreign office*. 1863, julho. *Punch*. Disponível em: https://archive.org/details/sim_punch_1863_45/page/34/mode/2up?q=Brazil

O desenho foi publicado no contexto do imbróglio diplomático entre Brasil e Inglaterra, que culminou na quebra de relações entre os dois países e ficou conhecido, posteriormente, como Questão Christie². William Dougall Christie era o ministro plenipotenciário, representante da coroa Britânica no

² Para mais informações sobre a Questão Christie ver: MAMIGONIAN, 2017; GRAHAM, 1962 e YOUSEFF, 2018.

Brasil, na década de 1860, e considerado pelos contemporâneos como o pivô da crise entre as duas nações.

A crise diplomática entre Brasil e Inglaterra, na década 1860, tem, como justificativa oficial, dois principais acontecimentos: o saque do navio britânico naufragado *Prince of Wales* e a prisão de oficiais da embarcação inglesa *Forte*, no Rio de Janeiro, acusados de embriaguez e confusão (MAMIGONIAN, 2017). Conforme aponta Richard Graham, tais acontecimentos não são suficientes para explicar a crise que se instalaria entre os dois países. Segundo o autor, os episódios teriam sido utilizados pela Grã-Bretanha como uma ocasião para demonstrar sua superioridade (GRAHAM, 1962). A questão da escravidão e dos africanos livres, que sempre esteve em pauta na relação entre eles, sobretudo, na pressão exercida pela potência europeia para o que o Brasil pusesse fim ao elemento servil, foi, na verdade, o principal motor do imbróglio. Ambas as nações não estavam satisfeitas com o rumo das negociações sobre o assunto e a nomeação de Christie bem como sua ida para o Rio de Janeiro aprofundou ainda mais o desgaste. O ministro tinha, como um de seus principais objetivos, lidar com a questão dos Africanos Livres e pressionava, sobremaneira, o Estado brasileiro por respostas e atitudes (YOUSEFF, 2018).

O ponto alto do conflito entre Brasil e Inglaterra aconteceu entre o final de 1862 e início de 1863 quando, após cobrar indenizações e pedidos de desculpas do Imperador e receber resposta negativa, William Christie ordenou que navios britânicos se instalassem nos portos brasileiros, sobretudo no Rio de Janeiro, e apreendessem embarcações brasileiras. Tais atitudes do governo inglês causaram tumultos na capital do Império. Apontava-se que a soberania do país estava ameaçada, ocorrendo registros de intimidações a Christie. Dom Pedro II precisou discursar à população para acalmar os ânimos e assegurar o bem da honra brasileira (GRAHAM, 1962). O caso foi levado a júri internacional, sob responsabilidade do Rei da Bélgica, que deu decisão favorável ao Brasil. No entanto, antes do resultado, o governo imperial havia realizado o pagamento da indenização em um valor abaixo do solicitado. Após o resultado do julgamento, a corte brasileira, solicitou do governo inglês retratações e indenizações, que foram recusadas, culminando, enfim, na quebra de relações.

As atitudes de Christie perante a nação brasileira o tornaram figura não grata no país, mas também, fizeram com que ele recebesse críticas em

sua terra natal. A imagem publicada pelo *Punch* reflete tais reprovações. No desenho, é possível ver William Christie com feições duras, demonstrando desagrado. Ele é representado de forma diminuta, com roupas infantis. O personagem está sentado em uma cadeira alta o bastante para que ele possa alcançar a mesa e é repreendido por uma figura feminina, a personificação da Britânia, alegoria representativa da Grã-Bretanha. Atrás da cena principal, vemos Lord Russel, Secretário de Estado para os Assuntos Estrangeiros inglês, com aparência sisuda e vestes desajustadas, observando a lição dada por Britânia a Christie. Sobre a mesa, temos uma tradicional torta inglesa prestes a ser comida pelo ministro britânico e, ao fundo, por trás de toda a cena, na parede, identificamos um mapa escrito “Brazil”.

A legenda em inglês nos ajuda a compreender melhor a cena retratada: “HUMBLE PIE AT THE FOREIGN OFFICE.” *Britannia*. – “Now, Johnny, you know that those Brazil-nuts³ have disagreed with you, and Doctor Belgium says you did wrong, and that a little humble pie will do you good; so eat it like a man.”⁴

Comer uma *humble pie* é uma expressão inglesa que significa admitir que você está errado, algo que, segundo a publicação, Christie deveria fazer, pois o Rei da Bélgica havia dado resultado favorável ao Brasil quando a questão foi a julgamento internacional.

Uma reprodução da imagem do *Punch* foi publicada no Brasil pela revista Semana Illustrada em agosto de 1863, na sessão de suplemento da publicação (Figura 2).

3 Aqui o autor pode ter feito uma referência, um jogo de palavras, com “nuts”, que pode significar doido, mas também, nozes. *Brazilian nuts* é a tradução de Castanha do Pará em inglês.

4 “A torta da humildade no Ministério das Relações Exteriores.” *Britannia* – “Agora, Johnny, você sabe que esses brasileiros doidos discordaram de você, e o Dr. Bélgica disse que você estava errado, e que um pouco de humildade vai lhe fazer bem, então coma isso como um homem.” Tradução livre. *Humble pie at the foreign office*. 1863, julho. *Punch*.

Figura 2. Pastellão humiliante nos negócios estrangeiros.



Fonte: Pastellão humiliante nos negócios estrangeiros.

1863, agosto. Semana Illustrada.

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

O periódico comandado por Henrique Fleuss veicula a imagem inglesa sob a legenda:

“Pastellão humiliante nos negócios estrangeiros”. Brittania. Agora, Joaosinho, já tu sabes que as nozes do Brasil te fazem indigestão; o doutor Bélgica diz que fizeste mal e que te ha de fazer bem algum pastel de humilhação. Portanto, engole-o como um homem.

(Como o *Punch*, jornal de caricaturas, que se publica em Londres, é pouco conhecido no Brasil, reproduzimos o desenho por ele publicado, á respeito da questão anglo-brasileira, e de que tom fallado todos os jornais). (SEMANA ILLUSTRADA, 22 de agosto de 1863. p.8)

Bruna Oliveira Santiago (SANTIAGO, 2017) afirma que a Revista Illustrada possuía um tipo de humor que estava em consonância com periódicos

europeus, como o *Punch*, londrino e o *Le Charivari*, francês, ambos com cunho satírico. A veiculação de uma gravura inglesa no periódico brasileiro reforça o contato e a relação entre as publicações ilustradas nacionais e internacionais do período. Além disso, tal publicação, serviu para prejudicar ainda mais a imagem do ministro perante a população brasileira, reforçando que, nem mesmo em seu país, ele fora acolhido.

Apesar do desenho publicado pelo jornal britânico, a repercussão da Questão Christie não teve a mesma importância na Inglaterra como teve no Brasil, onde os jornais e publicações do período foram inundados pelo assunto. No país europeu, é possível localizar pequenas notas nos periódicos e quatro breves comentários no diário da Rainha Victória, como, por exemplo, “Vi o Sr. Gladstone que falou [...] sobre o nosso problema com o Brasil que ele acredita ser um grande descrédito para o nosso governo [...]”⁵.

As primeiras notícias sobre o assunto começam a ser veiculadas em fevereiro de 1863. Nos jornais britânicos, a Questão Christie era chamada de *Difficulty with Brazil* (dificuldade com Brasil) ou *Affair with Brazil* (Questão com o Brasil). É interessante notar que as opiniões dos periódicos, em geral, seguiam o sentido de achar problemática a atitude de Christie e de demonstrar preocupação com a situação econômica, visto que o Brasil era um importante parceiro comercial.

Em 11 de fevereiro de 1863, o *The Newcastle daily journal* aponta que chegou ao conhecimento deles os problemas que estavam ocorrendo no Brasil. De acordo com o periódico, em relação ao pedido de indenização por parte de Christie “[...] nunca uma reivindicação absurda como essa foi feita por um funcionário diplomático”⁶. Esse mesmo jornal, ao se referir a Christie, o descreve como: “funcionário, que é conhecido em sua terra natal, por já ter anteriormente causado confusão para o seu país”⁷. O jornal *The*

5 “Saw Mr. Gladstone who talked [...] of our quarrel with Brazil which he thought a great discredit to the Govt” (tradução nossa). *Queen Victoria's journal*. Monday 30th January 1865 – (Principal Royal Residence) Osborne House – Disponível em: <http://www.queenvictoriasjournals.org/search/displayItemFromId.do?formatType=fulltextimgsrc&queryType=articles&itemId=18650130>

6 “A more preposterous claim was never made by na officer of the diplomatic service” *English Doings in Brazil*” *Newcastle Journal*, 11 Feb. 1863, p. 2. British Library Newspapers, link.gale.com/apps/doc/GR3216208612/BNCN?u=leedsuni&sid=bookmark-BNCN&xid=554a85ff (tradução nossa)

7 “[...] and that functionary, who is known at home for former successes in bringing his country nto trouble” *Newcastle Journal*, 11 Feb. 1863, p. 2. British Library Newspapers, link.gale.com/apps/doc/GR3216208612/BNCN?u=leedsuni&sid=bookmark-BNCN&xid=554a85ff (tradução nossa)

daily News, no dia 02 de fevereiro, aponta que, mais uma vez, por atos diplomáticos e hostis, a Inglaterra havia se envolvido em ações de guerra e havia colocado em risco a relação com um país que está no topo da lista de nações compradoras das manufaturas britânicas⁸.

Como mencionado, a repercussão da Questão Christie no Brasil foi importante, tendo dominado, por alguns meses, as páginas de jornais da Corte. Foi publicada, por exemplo, a correspondência integral entre o Marquês de Abrantes, ministro dos negócios estrangeiros, e William Christie. Localizamos, além das notícias informativas sobre o que ocorria, opiniões, notas a respeito de uma subscrição nacional a fim de levantar fundos para armamentos e embarcações, poemas e desenhos. As imagens localizadas por nós foram publicadas na Semana Illustrada e, ao todo, contabilizamos 50 figuras, concentradas prioritariamente no ano de 1863 e duas em 1865, momento no qual o conflito foi resolvido e as relações diplomáticas reatadas. A nossa pesquisa no periódico foi feita de forma cronológica, e nos ocupamos, não somente das imagens, mas também, dos textos contidos nas publicações, que, em geral, tinham estreita relação temática com as ilustrações.

A Semana Illustrada foi fundada por Henrique Fleuss, que criou personagens fixos para as ilustrações de seu periódico, como a indígena Brasília, representante da Nação brasileira. Além disso, temos os protagonistas da revista, o Dr. Semana, o narrador, um homem de cabeça exagerada e trajes formais e o Moleque, seu auxiliar, um menino negro, também bem-vestido. Estes eram personagens representativos da sociedade escravocrata do período (TELLES, 2010).

O tom das imagens era sempre jocoso e muito crítico às atitudes de William Christie, que foi protagonista em diversas delas. Brasil e Inglaterra eram retratados em forma de alegoria, através de figuras indígenas ou do leão, símbolo do país europeu. Além do tom irônico, havia também a menção ao fato da Inglaterra, país mais “rico e poderoso”, atacar o Brasil, de forma injusta, preocupando-se com o dinheiro da indenização solicitada. Além disso, o projeto do periódico procura, a todo o tempo, ressaltar o fortalecimento da identidade e soberania nacionais, trazendo elementos da cultura, como trechos de Gonçalves Dias e também da fauna e flora brasileira, como papagaios.

⁸ “LONDON, MONDAY, FEB. 2.” *Daily News*, 2 Feb. 1863. British Library Newspapers, link.gale.com/apps/doc/Y3202978821/BNCN?u=leedsuni&sid=bookmark-BNCN&xid=2c72bc2c. Accessed

Para o escopo deste artigo, focaremos nas representações do ministro plenipotenciário inglês, que aparece em muitas das imagens publicadas na Semana Illustrada e foi retratado como o principal vilão e pivô do conflito. Christie era, em geral, apresentado como um homem interesseiro, de caráter duvidoso, preocupado em obter vantagens financeiras. Frequentemente, ele era associado a algum tipo de bebida alcoólica, reforçando e ironizando o episódio dos marinheiros ingleses presos, por estarem embriagados.

No dia 18 de janeiro de 1863, vemos William Christie bem-vestido, sobre um barril de pólvora, segurando um objeto semelhante a uma bomba, com a inscrição “direito das gente”. Está cercado por homens e alguns deles empunham sacos de dinheiro (Figura 3).

Figura 3. Imagem de William Christie sobre baú de pólvora.



Fonte: Semana Illustrada. 18 de janeiro de 1863. p.08
 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

Na legenda sob a imagem, lê-se:

Christi audi nos.....

— Si, yes, mim agora ouve povo brasileira, porque vê que ter razão e falla direita, e conhecer que mim gosta mais de nota de banco que de nota diplomatic. Se vocês falla sempre comiga assim, eu estar sempre sua amiga de vossê, porque mim no gosta de briga. Escuta: outra dia Jonathas mandar mim planta batatas, e eu responde manda Jonathas planta algodoa; Jonathas ficar furiosa e quer logo briga comiga: mas John Bull correr para Petropolis tomar fresca na sua cabeça. **Quando pode ouve tinir dinheira, John Bull no faz tinir espada.** (SEMANA ILLUSTRADA, 18 de janeiro de 1863. p.8)

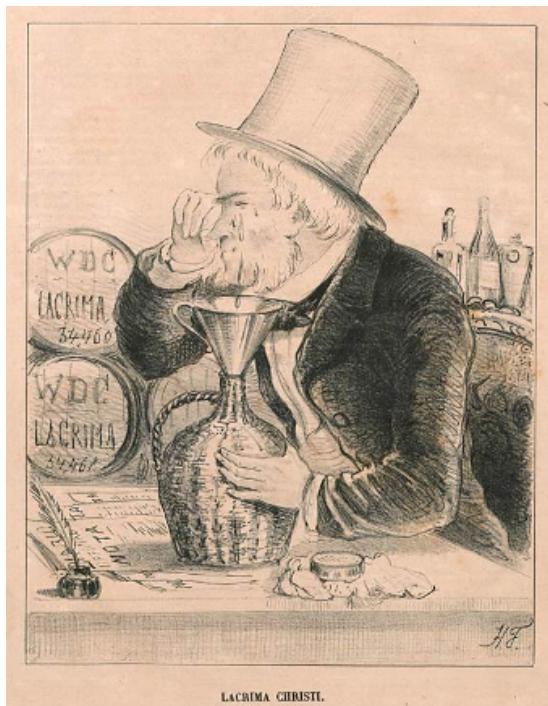
O texto apresenta uma fala de Christie ao povo brasileiro repleta de erros de português, característicos de como um britânico falaria a língua, uma estratégia que visa acentuar o distanciamento e o desprezo pela figura do estrangeiro. Além disso, a legenda faz referência à relação conturbada entre Estados Unidos (representado por Jonathas⁹) e Inglaterra, marcada por tensões especialmente em relação às suas influências na América Latina. Na última linha do texto, na frase destacada por nós, é reforçada a ideia da ganância britânica, preocupada com os valores a receber.

A legenda e a imagem reforçam a visão de Christie como ganancioso, algo retomado a todo tempo pela publicação e por outros periódicos. Ao ser representado segurando um objeto explosivo, sobre um barril de pólvora, ele personifica o inglês disposto a arriscar a destruição para alcançar seus objetivos, sem se importar com as consequências de suas ações, como um Guy Fawkes do século XIX¹⁰.

Em fevereiro de 1863 outra imagem de Christie é publicada juntamente com a sutil legenda “*Lacrima Christi*” (Figura 4). Na figura, vemos o político bem-vestido armazenando as suas lágrimas em uma garrafa, com a ajuda de um funil. Por trás dele, é possível observar, além de algumas bebidas, dois barris com a inscrição “WDC *lacrima 34.460*”, como se fossem carregamentos de vinho.

⁹ Brother Jonathan é uma personificação dos Estados Unidos, mais especificamente da região da Nova Inglaterra, utilizado antes do aparecimento do Tio Sam.

¹⁰ Guy Fawkes ficou conhecido por fazer parte do *Gundpowder plot*, ou “a conspiração da pólvora”, que tinha o objetivo de explodir o parlamento britânico, no século XVII.

Figura 4. Lachrima Christi.

Fonte: Semana Illustrada. 25 de janeiro de 1863. p.08
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

A legenda é como um jogo de palavras e ironia sutil. A Semana Illustrada frequentemente estabelecia uma relação entre o nome “Christie” e “Cristo”. “Lacrima Christie” é, de fato, um renomado vinho italiano, originário da região de Nápoles, aos pés do Vesúvio, que foi amplamente mencionado na literatura do século XIX, incluindo obras como *O Conde de Monte Cristo*. Já a inscrição no barril representa as iniciais do ministro e o valor pedido por ele de indenização.

A associação de Christie com o álcool era recorrente nos desenhos analisados, frequentemente como uma forma de provocação, em referência ao episódio dos oficiais presos por embriaguez, no qual o político inglês se mostrou defensor. Contudo, essa conexão também pode ser interpretada como uma tentativa de Fleiuss de desqualificar a imagem do ministro britânico, associando-o a bebidas alcoólicas e também como se estivesse “embriagado” pelo poder.

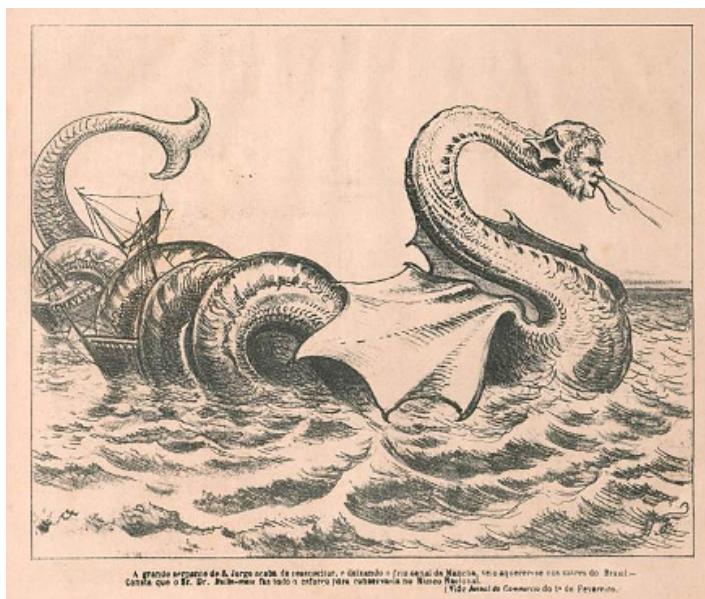
Em uma edição anterior a essa, do dia 18 de janeiro, é publicado um pequeno texto, que faz referências a mesma temática dessa imagem:

O Brasil da Gran Bretanha
Nunca deve temer tanto;
Se ella tem por si o Christo
Elle tem o Espirito- Santo.
Chora pitanga um ministro;
Que dificuldade exise?
Para ser um Christie lagima,
Basta ser “lagrima Christi”.

(SEMANA ILLUSTRADA, 18 de janeiro de 1863. p.6)

William Christie fora duramente atacado por grande parte dos jornais brasileiros, críticas essas que foram representadas visualmente através dos desenhos de Henrique Fleuss e sua equipe na Semana Illustrada. Em uma das ilustrações, o político inglês é retratado como um monstro marinho que se deslocou do Canal da Mancha para as águas tropicais (Figura 5).

Figura 5. Christie como uma serpente marinha.



Fonte: Semana Illustrada. 08 de fevereiro de 1863. p.08
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

Na imagem, vemos a cabeça de Christie no corpo de uma serpente marinha destruindo embarcações brasileiras em alto mar, enrolando-se nelas. O desenho, que possui a assinatura de Herique Fleuss, é muito bem- acabado e nos remete aos monstros marinhos da época das grandes navegações, reforçando a ideia da colonização e exploração dos territórios do “Novo Mundo”. Essa figura é, claramente, uma forma irônica de tratar o apresamento dos navios brasileiros no porto (TELLES, 2010).

Fleuss dedicou especial atenção e cuidado a algumas representações específicas de William Christie e é possível notar o cuidado com os detalhes, com um traçado mais firme, além de fortes relações com pinturas referências na história da arte. É o caso do desenho publicado na edição do dia oito de março de 1863 com a legenda “Pezadelo terrível da ultima noite no Rio de Janeiro” (Figura 6). Na cena, Christie aparece deitado, uma das mãos sobre a cabeça, aparentemente dormindo, mas com o semblante angustiado. As suas pernas estão alongadas e com traços femininos, semiabertas e apoiadas em uma parede.

Por cima dele, figuras que colaborariam para o seu pesadelo: os personagens da Semana Illustrada, Moleque e Dr. Semana, que segura um saco de dinheiro com os números 000 escritos, representando a negação do pagamento da indenização pelo Brasil. Mais atrás, dois homens representando periódicos, o jornal Mercantil e o Diário do Rio, portando uma de suas edições. Próximo às pernas do político há o desenho de um leão, símbolo inglês, boquiaberto, desnutrido, de olhos esbugalhados e semblante muito assustado.

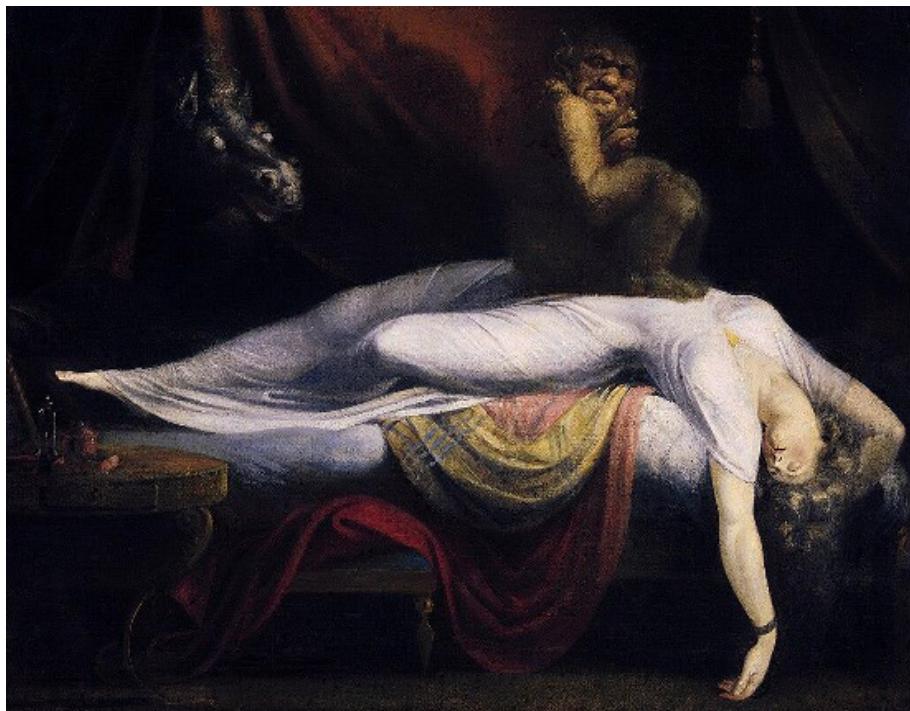
Figura 6. Pezadelo terrível da ultima noite do Rio de Janeiro.



Fonte: Semana Illustrada. 08 de março de 1863. p.08
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

Esse desenho nos remete à pintura “O pesadelo” do pintor inglês Johann Heinrich Füssli, datada de 1781 (Figura 7). Na obra, vemos uma mulher deitada, adormecida e estendida sobre uma cama, com braços e a cabeça caídos para fora do colchão. Ela está com uma roupa branca e delicada e possui uma leve luz banhando seu corpo, sendo o ponto mais iluminado da obra, que possui uma paleta mais escura. Sobre o peito da mulher, está uma figura sobrenatural, que encara o espectador de forma direta. Mais atrás, há um cavalo preto, que se confunde com o fundo, e tem como destaque grandes olhos brancos.

Figura 7. O pesadelo – The nightmare.



Fonte: Johann Heinrich, *O pesadelo*, 1781. Óleo sobre tela.

101,6 cm x 127,00 cm | Detroit Institute of Arts.

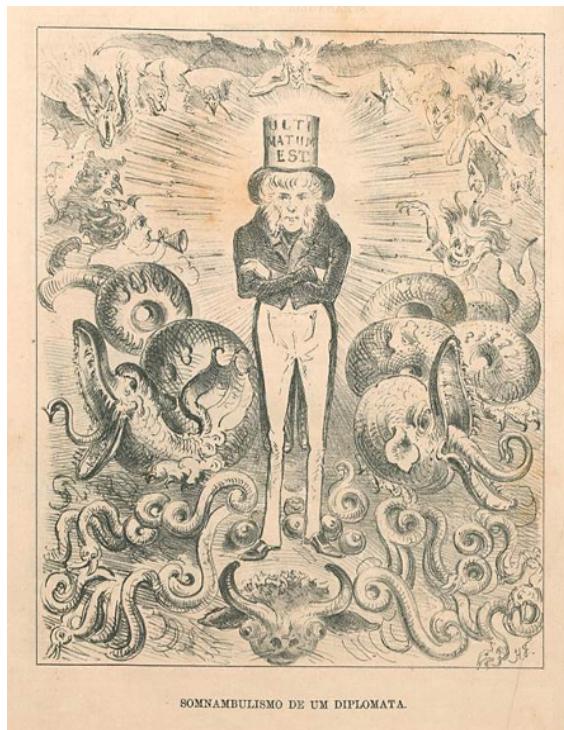
Fonte: <https://dia.org/collection/nightmare-45573>

A associação entre as representações é imediata. Não só pelo tema, pois ambas retratam um pesadelo, mas também pela composição, principalmente em relação à figura ajoelhada sobre o torso dos personagens principais, representando como se fosse um aperto no peito. A pintura de Fussli foi

exposta pela primeira vez em 1782, na *Royal Academy of arts* (DAVISON, 2016) em Londres e, posteriormente, foi tornada gravura por Thomas Burke¹¹.

Ainda na temática de sonhos e pesadelos, Fleuss elabora um desenho que nos chama atenção (Figura 8). No dia 29 de fevereiro de 1863, ele publica, em página inteira, um desenho com a legenda “Somnambulismo de um diplomata”, representando Christie, com as suas habituais roupas formais, de pé, braços cruzados, cercado de animais e monstros vindos de outro mundo. São espécies de monstros marinhos e diabretes que o atormentam.

Figura 8. Somnambulismo de um diplomata.



Fonte: Semana Illustrada. 08 de março de 1863. p.08
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

A imagem criada por Fleuss nos remete a duas outras: O tormento de Santo Antônio, de Michelangelo, datado de 1487 (figura 9), e aos desenhos

¹¹ https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1870-0514-1610

de Goya, sobretudo aquele intitulado “O sono da razão produz monstros”, datado de 1799 (Figura 10). Na pintura de Michelangelo, Santo Antônio é representado flutuando, sobre uma bonita paisagem, cercado a atormentado por estranhas figuras aladas, semelhantes a demônios. Essa representação é inspirada na gravura de mesmo nome de Martin Schongauer, datada de 1470-75¹². Schongauer, por sua vez, teve uma passagem da história de Santo Antônio, escrita por Athanasius de Alexandria, como referência. Essa passagem dizia que o santo tivera uma visão, em uma espécie de torpor, de que ele levitava e era atacado por demônios¹³.

Figura 9. O tormento de Santo Antônio.



Fonte: Michelangelo. *O tormento de Santo Antônio*, 1487. Óleo e tempera sobre painel. 46,99 cm x 33,66 cm. Kimbell Art Museum, Fort Worth. Disponível em: <https://kimbellaart.org/content/michelangelo-torment-saint-anthony>

12 <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/336142>

13 <https://www.clevelandart.org/art/1923.227>

Figura 10. O sono da razão produz monstros.



Fonte: Goya. *O Sono da razão produz monstros*, 1799. 21,3 cm; largura: 15,1 cm. Museu do Prado, Espanha.

Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f5/Museo_del_Prado_-_Goya_-_Caprichos_-_No._43_-_El_sue%C3%B1o_de_la_razon_produce_monstruos.jpg

A gravura de Goya faz parte da série *Los Caprichos* de 1799, que retrata as inquietações profundas vividas pelo autor na época. Enfrentando uma grave doença, ele também observava as consequências da guerra e as fragilidades sociais do período. Na imagem, o artista apresenta-se com o corpo contorcido, em uma posição visivelmente desconfortável, enquanto criaturas aladas – semelhantes a corujas e morcegos – emergem, perturbando seu sono e criando uma atmosfera angustiante.

O oposto da razão seria a irracionalidade, fazer as coisas sem pensar. Uma das definições do sonambulismo, de acordo com o dicionário Michaelis é “maneira de ser dos que parecem agir mecanicamente, sem saber

como e por que o fazem.”¹⁴ A gravura “O sono da razão produz monstros” sugere, segundo Jorge Coli, que “a falha da vigília determina a invasão do irracional” (COLI, 1996). Já o “Somnambulismo de um diplomata”, por outro lado, apresenta-nos uma dicotomia: um diplomata, que deveria representar o pensamento estratégico e racional está retratado como alguém que age de forma inconsciente, sendo atormentado por isso.

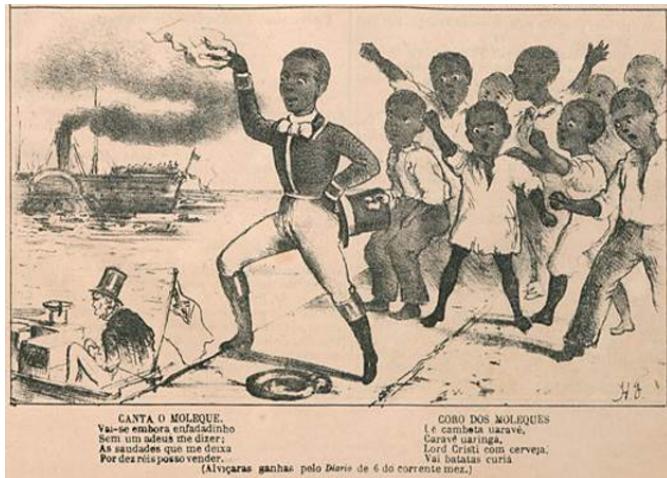
Conforme mencionamos, sobretudo após o episódio envolvendo os navios britânicos nos portos brasileiros, a imagem de William Christie ficou extremamente prejudicada na Corte e ele retornou para a Inglaterra às pressas. A Semana Illustrada publica mais de uma imagem representando essa retirada, ressaltando, principalmente, quatro principais características associadas à Christie pela revista: a ganância, a relação com a bebida, a sensação de superioridade para com o Brasil e o desajuste do diplomata.

A primeira imagem com esse sentido é veiculada em 15 de fevereiro de 1863 e representa Christie em segundo plano, partindo, como derrotado, para o seu país de origem, em uma pequena e frágil embarcação (Figura 11). Quem se despede do inglês é o Moleque e outras crianças negras demonstrando, de acordo com Angela Telles (2010), que todas as camadas sociais apoiavam o governo Imperial. A legenda, um canto de despedida entoado pelas crianças, mistura termos em português e kimbundu e umbundu (línguas africanas), sugerindo a presença da fala utilizada pelos moleques nas ruas (TELLES, 2010).

As crianças ocupam a maior parte da imagem, e se mostram empolgadas e determinadas diante da partida do diplomata e da “vitória” brasileira perante o conflito. Ainda segundo Telles (2010), o lenço branco na mão do Moleque é alusivo a Teófilo Otoni que, mesmo sendo da oposição ao imperador, acenou para ele, nas ruas do Rio de Janeiro, em sinal de solidariedade.

¹⁴ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sonambulismo/>

Figura 11. William Christo retornando para Inglaterra.



Fonte: Semana Illustrada. 15 de fevereiro de 1863. p.01
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

É publicada, na mesma edição, na semana do Carnaval, uma sátira com a famosa cena bíblica da fuga para o Egito. Sobre a legenda “Carnaval de 1863. Fugida do Anti-Christo para o Egito”, o diplomata inglês é retratado de forma desengonçada, às avessas, em cima de um burro (Figura 12). Mais uma vez a revista brinca com o jogo de palavras entre o nome de Christie e Cristo.

Figura 12. Carnaval de 1863. Fugida do Anti-Christo para o Egypto.



Fonte: Semana Illustrada. 15 de fevereiro de 1863. p.08
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

A imagem nos remete para a gravura representando Napoleão “A jornada do herói moderno, para a Ilha de Elba”, datada de maio de 1814 (Figura 12), que representa o Imperador francês cabisbaixo, sentado ao contrário em um burro, indo em direção ao seu exílio, em Elba. Napoleão segura, em uma das mãos, uma espada quebrada e, na outra, o rabo do animal. Atrás dele, dois oficiais tocam tambores, como se entoassem um canto de despedida, desrito na borda da imagem através de um texto.

Figura 13. A jornada do herói moderno, para a Ilha de Elba.



Fonte: A jornada do herói moderno, para a Ilha de Elba, 1814.
 London: Pub'd by J. Phillips, No. 32 Charles Street Hampstead road.
 Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/ppmsca.04308/>

A imagem, de autor desconhecido, é uma publicação britânica e pretende humilhar o, agora, ex-Imperador francês, que havia ameaçado invadir a ilha britânica, colocando-o em posição de fragilidade e decadência. A forma com que Christie é retratado, montado de costas no burro, nos remete

também à tradição religiosa da “Festa dos Burros” ou “Festa dos Loucos”, festividade realizada para celebrar o burro que levou Jesus para o Egito.

Outra imagem retratando a partida de William Christie é veiculada no dia 03 de março e representa o inglês, de malas prontas, cercado de caixas endereçadas a Londres (Figura 14). Alguns objetos nos chamam atenção: em primeiro plano, uma grande garrafa de Gin bem próxima ao diplomata – bebida típica da Inglaterra – um papagaio, em meio as suas malas, deixando claro que ele seria levado para a Europa e um cacho de bananas, carregado pelo personagem da Semana Illustrada, o Moleque. Mais uma vez, temos elementos que destacam e representam a nacionalidade brasileira.

Figura 14. A partida de Christie para Londres.



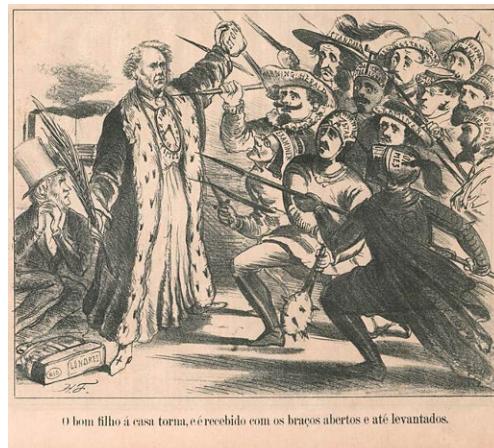
Fonte: Semana Illustrada. 08 de março de 1863. p.08
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

A legenda, mais uma vez, reforça a crítica às atitudes de Christie ao solicitar indenizações brasileiras, bem como a sua ganância, como, por exemplo, no trecho representando a fala dele, “Já estava fechada a minha mala como vês, meu moleque, mas vou abri-la para guardar essas bananas e dirigir minha última nota ao Governo Brasileiro para mandar pagar o frete dellas.”

A Semana Illustrada representa Christie, já de volta a sua terra natal, mais cinco vezes. A primeira, representa a chegada dele no porto, sendo atacado por jornais como o *Morning Herald*, *Examiner* e *Standard*, vestido de cavaleiro e sendo protegido pelo grande e imponente *Times* (Figura 15). A segunda, seguindo a mesma ideia e semelhante àquela imagem publicada pelo *Punch* (Figura 16), representa o ministro inglês infantilizado, sendo punido,

como uma criança, por Lord Russel, que, de acordo com a legenda, estava sobremaneira insatisfeito com as atitudes de Christie.

Figura 15. O bom filho a casa torna.



Fonte: Semana Illustrada. 08 de março de 1863. p.08

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

Figura 16. Última noticia telegraphica.



Fonte: Semana Illustrada. 12 de maio de 1863. p.08

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

A terceira imagem representando o diplomata após regressar ao solo inglês retoma novamente a ideia da ganância inglesa (Figura 17). Fleuss retrata Christie e Lord Russel pesando o dinheiro da indenização paga pelo Brasil. Atrás deles, está escrito um moto inglês *Honi soit qui mal y pense*, em tradução livre “Vergonha de todos que pensarem mal disso”, e que cabe perfeitamente na imagem, de forma irônica, visto que os dois estão contando dinheiro pago pelo Brasil, uma nação menos poderosa e rica. Angela Telles (2010) ressalta que a legenda, um trecho de Gonçalves Dias, reforça a ideia que o desenho pretende transmitir.

Figura 17. Christie e Lord Russel.

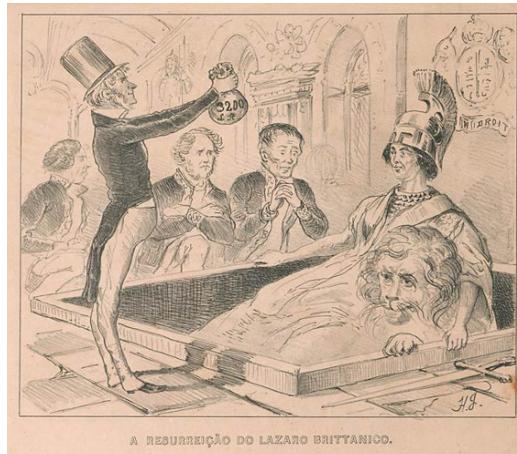


Fonte: Semana Illustrada. 26 de maio de 1863. p.06
Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

A quarta imagem retrata o interior da capela de Westminster, em Londres, onde membros da realeza britânica estão enterrados (Figura 18). Christie entrega um sao com o dinheiro da indenização a uma figura saída de uma tumba, que nos parece ser a alegoria da Grã-Bretanha, cadavérica. Ao lado do diplomata estão Lord Russel e Palmerston, com semblante e em posição de súplica e preocupação e a simples legenda “A ressurreição do Lazaro Britanico”.

A figura e a legenda nos remetem a uma pintura de Juan de Flandes, intitulada “A Ressurreição de Lázaro”, datada de 1514, ao colocar frente a frente Cristo (Christie) e uma figura cadavérica. Aqui, novamente, Fleuss brinca com o jogo de palavras, pois, o Lázaro bíblico é também chamado de “*Lazaro of Bethany*”.

Figura 18. A resurreição do Lazaro Brittanico.



Fonte: Semana Illustrada. 03 de maio de 1863. p.08 Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

Figura 19. A Ressurreição de Lázaro.



Fonte: Juan de Flandes. *A Ressurreição de Lázaro*, 1510.
 110 cm x 84 cm. Museu do Prado. Disponível em:
<https://www.museodelprado.es/colección/obra-de-arte/resurrección-de-lázaro/ccboe223-16b1-47ed-9c04-1cb8c44c43bc>

Por fim, a última imagem retratando Christie na Europa é aquela versão publicada, inicialmente, no jornal britânico *Punch*, com a qual iniciamos este artigo (Figura 2). Após a análise das demais imagens do diplomata feitas pela Semana Illustrada, entendemos que a ideia e a imagem perpetrada pelo periódico londrino, muito se assemelhavam aos objetivos de Fleuss e de sua revista. Além disso, o tom jocoso e irônico estava presente nas duas publicações, demonstrando uma certa aproximação entre os periódicos ilustrados do período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das imagens ao longo de nosso artigo, é possível afirmar que William Christie foi mais que um diplomata envolvido em um conflito: ele se tornou uma representação estratégica e simbólica do “outro” que ameaçava a soberania brasileira. A nação, no entanto, se mostrava firme e segura, mesmo diante da representação de uma potência ameaçadora. Os desenhos de Christie na Semana Illustrada, além de carregarem ironia e traços depreciativos, também dialogam com outras gravuras contemporâneas e pinturas referências para a história da arte, reforçando uma narrativa onde o Brasil se posiciona como um Estado soberano, contrastando com a figura desmoralizada de Christie. Por fim, essas representações visuais não só dizem sobre os eventos da época, mas também colaboraram na consolidação de um imaginário nacional sobre o papel do Brasil e suas relações internacionais.

REFERÊNCIAS

- Coli, J. (1996). *O sono da razão produz monstros*. In A. Novaes (Ed.), *A crise da razão* (pp. 2006). Companhia das Letras.
- Davison, M. (2016). *HENRY FUSELIS THE NIGHTMARE* [Dissertação de Mestrado, University of Georgia].
- Graham, R. (1962). Os Fundamentos da Ruptura de Relações Diplomáticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha em 1863. A ‘Questão Christie.’ *Revista de História*, 24(49), 117-137; 379-400.

Mamigonian, B. G. (2017). *Africanos livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil*. Companhia das Letras.

Santiago, B. O. (2017). *Humor e artes gráficas: A representação do negro na revista Semana Illustrada (1860-1876)* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].

SEMANA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro: (110), 18 jan. 1863. p. 6.

SEMANA ILLUSTRADA. Rio de Janeiro: [s.n.], 22 ago. 1863.

Telles, A. C. M. (2010). *Desenhando a nação: Revistas ilustradas do Rio de Janeiro e de Buenos Aires nas décadas de 1860-1870*. FUNAG.

Youseff, A. E. Questão Christie em perspectiva global: pressão britânica, guerra civil norte-americana e o início da crise da escravidão brasileira (1860-1864). *Revista de História*, (177), ao8517, 2018